



[domingo, 10]

1. **Como se definem as PME? Empresários dizem que critérios estão “ultrapassados”.** A Comissão Europeia está a rever os critérios que definem as PME para perceber se ainda fazem sentido. Os empresários adiantam que os parâmetros estão "ultrapassados" e exigem mudanças. (...) **“O redimensionamento empresarial é o maior instrumento que sustenta o aumento da competitividade nacional”,** riposta, por sua vez, o presidente da AIP. José Eduardo Carvalho defende que esse deve ser um dos focos prioritários da programação dos fundos comunitários, de modo a que o redimensionamento seja, à semelhança da internacionalização, um “desígnio nacional”. Para concretizar este objetivo, o representante recomenda que se incentive a cooperação entre grandes grupos fortemente internacionalizados e as “PME com potencial”. E no que diz respeito à inovação, Carvalho sublinha: “os fatores críticos da inovação não residem na dimensão das empresas, mas precisamente na adaptação do conhecimento às necessidades de procura global”.

<https://eco.pt/2018/06/10/como-se-definem-as-pme-empresarios-dizem-que-criterios-estao-ultrapassados/>



[domingo, 10]

2. **Do papel à cortiça, exportações para EUA cresceram 42% nos últimos cinco anos.** Vendas para a maior economia mundial cresceram 10% nos últimos cinco anos. Número de exportadoras supera as três mil. Da economia paralela diz-se que é a segunda maior do mundo; a primeira, já sabemos, é a dos Estados Unidos. E Portugal, na posição de formiga, há muito tem no gigante norte-americano um destino importante para puxar pelo comércio nacional. Tem estado numa relação favorável com os Estados Unidos: não só as vendas de produtos para o outro lado do Atlântico cresceram em média anualmente 9,7% nos últimos cinco anos (mesmo com uma queda nas vendas em 2016), como os pratos da balança comercial são positivos para o lado português, com as exportações a superarem as importações. Em 2017 as

o seu evento
O NOSSO STAFF
Promotores e Hospedeiras



vendas ao exterior já estavam 42% acima do valor de 2013. O número que empresas portuguesas que vendem para a maior economia global foi crescendo progressivamente e, segundo as contas da Agência para o Investimento e Comércio Externo de Portugal (AICEP), havia no ano passado 3220 empresas a fazê-lo. Há nomes conhecidos entre as dez maiores: do grupo de pasta e papel Navigator à Amorim & Irmãos (negócio de rolhas de cortiça), passando pela Ikea Industry Portugal (fábrica de móveis do grupo sueco em Paços de Ferreira), pela Petrogal ou pela Efacec Energia. (pág. 3)

Diário de Notícias [domingo, 10]

3. **EDP não rejeita OPA para já. Mas preço por ação deve subir para perto dos quatro euros.** Administração reafirma que o preço oferecido pelos chineses é baixo e que os acionistas devem ser compensados por permitirem a tomada de controlo da empresa. Mas reconhece "mérito nas intenções estratégicas" da CTG. (...) O DN/Dinheiro Vivo sabe que o ideal para a equipa de António Mexia seria conseguir somar à oferta que já está em cima da mesa um prémio de controlo para os acionistas entre 20% e 30%, o que elevaria o preço por ação para valores entre 3,91 e 4,23 euros, mais em linha com o prémio oferecido em 2011 pela CTG (3,45 euros por ação) para a aquisição de uma participação minoritária na EDP. (...) 4,5 mil milhões euros é o EBITDA projectado pela CTG para a EDP após-OPA, um aumento de mil milhões de euros anuais nos resultados. (pág. 32)



[sábado, 09]

4. **Lisboa disputa Web Summit para se manter no mapa da tecnologia.** Munique e Valência apresentaram propostas para ficar com o evento que todos os anos traz empresas, atenção e dinheiro a Lisboa. Outras cidades também já mostraram interesse. Em Novembro, a terceira edição da Web Summit poderá ser a última em Lisboa. Portugal está agora na corrida com outras cidades para continuar a acolher nos próximos anos um evento que ajudou a colocar o país no circuito mundial da

alive

FCM TRAVEL SOLUTIONS

O seu parceiro
em viagens Corporate

tecnologia — e cuja saída terá consequências para o empreendedorismo português. (...) Até agora, o investimento do Estado português foi de 1,3 milhões de euros por ano, repartido por várias entidades públicas. (...) Desde 2016, a Web Summit trouxe até Portugal investidores, startups e executivos de grandes empresas — e muito dinheiro. As últimas duas edições geraram 300 milhões de euros cada só em serviços relacionados com o alojamento e o transporte das quase 80 mil pessoas que estiveram no evento, segundo números do Governo e da organização. (pág. 20)

Diário de Notícias [sábado, 09]

5. **Jerónimo Martins paga fatura mais cara com energia renovável.** O grupo contratou com a Endesa o fornecimento de energia verde e instalou milhares de painéis solares em lojas no Algarve. O Grupo Jerónimo Martins está cada vez mais verde. Depois de ter anunciado a decisão de contratar com a Endesa o fornecimento de eletricidade 100% proveniente de fontes renováveis para fazer face às necessidades de Pingo Doce, Recheio, Hussel e Jeronymo em Portugal, a empresa tem também um projeto-piloto de painéis fotovoltaicos em dois edifícios no Algarve. (...) O investimento de 1,2 milhões de euros neste projeto-piloto foi realizado em parceria com a G2 ER Solar One, com o aconselhamento da Grow Energy Management, e permitirá à Jerónimo Martins uma autonomia energética de 34% face aos consumos dos dois edifícios onde foram instalados as centrais solares. No entanto, a restante energia continuará a ser adquirida à rede e ao fornecedor do grupo. (...) A empresa retalhista não comenta a possibilidade de investir na compra de um parque eólico, como fez a IKEA. Nos últimos quatro anos, e no âmbito da sua política de sustentabilidade, a dona do Pingo Doce já investiu mais de 65 milhões de euros e evitou a emissão de mais de 65 mil toneladas de carbono. (suplemento Dinheiro Vivo, pág. 10)
6. **Opinião. Ricardo Reis, professor de Economia na London School of Economics. O poder de união do futebol.** Esta semana começa o campeonato mundial de futebol. Infelizmente, o futebol nacional tem sido fonte de escândalos, vergonha, e divisão nos últimos tempos. Tornou-se comum ler e ouvir pessoas que pedem desculpa por gostarem do jogo apesar de serem fonte de problemas que contaminam a

o seu evento
O NOSSO STAFF
Promotores e Hospedeiras



sociedade e a política. Tal como comer doces dá prazer mas faz mal aos dentes, gostar de futebol seria algo de que se devia ter mais vergonha do que orgulho. Felizmente, não tem de ser assim. Nestas alturas de competições internacionais é visível a união nacional que a equipa das quinas provoca. (...) O futebol pode trazer consigo a violência das claques, a corrupção dos dirigentes, ou a incivilidade dos comentadores. Mas também pode trazer união nacional, sobretudo onde ela é mais precisa, em países divididos e propensos a guerras civis. Podemos ter orgulho no efeito que o futebol tem na sociedade. (suplemento Dinheiro Vivo, pág. 2)

7. **Opinião. João César das Neves. O avesso e a sublime.** Vemos a realidade do avesso. Os acontecimentos que marcam e fazem a actualidade são reais, mas distorcidos e confusos, como o fundo de uma tapeçaria. O seu significado só surgirá quando olharmos do outro lado, vendo o desenho da realidade como foi concebido. O recuo do tempo permite vislumbrar essa diferença, pois, com o passar dos anos, vamos entendendo a dinâmica oculta aos contemporâneos, obrigados a existir no reverso confuso do quotidiano. Poucas épocas sofreram maior distância entre avesso e direito que o século XIX europeu. Embebidas em idealismo revolucionário, aquilo que as pessoas pensavam viver, realizar e construir era muito diferente do que realmente deixaram feito. Ler as suas obras é tomar consciência pungente desse avesso, a enorme ilusão, ingenuidade, quase tolice que, exaltada nos ideais grandiosos e empolgantes, ia empurrando a sociedade para a terrível catástrofe que destruiria o mundo na primeira metade do século seguinte. (pág. 53)

Expresso

[sábado, 09]

8. **Braga brilha nos 'óscars' da exportação.** Comércio internacional. Cidade minhota foi a que teve maior crescimento das exportações nos últimos cinco anos. Mas Lisboa e Palmela, a casa da Autoeuropa, lideram nas vendas ao exterior. Agora que o Instituto Nacional de Estatística (INE) já divulgou o valor das mercadorias exportadas por cada um dos 308 municípios portugueses até 2017, o Expresso foi à procura dos concelhos que mais têm contribuído para impulsionar as vendas ao estrangeiro, não só no último ano, mas desde que a economia portuguesa bateu no fundo em 2013. (...) Convém notar que cerca de um décimo do aumento das exportações portuguesas de

alive

FCM TRAVEL SOLUTIONS

O seu parceiro
em viagens Corporate

mercadorias portuguesas entre 2013 e 2017 se deve exclusivamente a Braga. Só as vendas deste município subiram €724 milhões, duplicando para um valor anual de €1,5 mil milhões. É por isso que Braga lidera o segundo ranking, à frente de potências exportadoras como Palmela e Maia. Os 20 municípios deste segundo ranking respondem por mais de dois terços de todo o acréscimo das exportações do país desde 2013. E Bragança, São João da Madeira, Vila Nova de Cerveira, Trofa, Gondomar ou Leiria merecem especial destaque pois, embora não constem do primeiro ranking dos municípios mais exportadores, têm contribuído para engrossar as exportações nacionais em centenas de milhões de euros em anos recentes. Só em 2017, as exportações de Braga subiram €386 milhões, um valor só superado por Lisboa. Quem consultar as estatísticas do INE, verá Setúbal a crescer mais em 2017. Mas tal deve-se a questões administrativas ligadas à organização do grupo The Navigator Company, que terá transferido a contabilização de exportações de Vila Velha de Ródão (menos €1,3 mil milhões em 2017) para Setúbal (mais €1,3 mil milhões em 2017). (págs. 20 e 21, Caderno Economia)

9. **Hovione investe €5 milhões no talento.** A farmacêutica criou um programa para formar os analistas químicos que não consegue contratar. indústria farmacêutica vive o seu momento mais dinâmico desde o pico da crise em matéria de contratações, apesar das restrições que se mantêm na aprovação de inovação. Mas o recrutamento no sector tem várias velocidades. E se nas áreas de acesso ao mercado encontrar profissionais não é um problema — retê-los, sim! —, nos departamentos de Investigação & Desenvolvimento (I&D) o cenário é outro. Depois uma longa batalha para conseguir recrutar no mercado nacional analistas químicos em número suficiente e com a formação técnica e a experiência necessárias à função, a farmacêutica Hovione decidiu formá-los. No ano passado criou o Programa 9ºW, em parceria com um consórcio de instituições de ensino liderado pelo Instituto Superior de Engenharia de Lisboa (ISEL), e investirá nos próximos dois anos €5 milhões para formar todos os analistas químicos de que necessita. É difícil encontrar nas farmacêuticas com actividade em Portugal quem admita dificuldades de contratação. Contactadas pelo Expresso, Bayer, Novartis, Roche, Pfizer e Sanofi recusam problemas em atrair talento, embora algumas reconheçam que retê-lo já é um desafio. Mas Pedro Borges Carço, director executivo da unidade de negócio de

o seu evento
O NOSSO STAFF
Promotores e Hospedeiras



Saúde e Ciências da Vida da consultora de recrutamento Michael Page, diz que há dificuldades, não atingem é todas as empresas na mesma medida. (pág. 32, Caderno Economia)

10. **Visabeira entra na Índia e investe 20 milhões de euros.** O grupo tem uma licença de operador e já arrancou com a construção de uma rede de fibra óptica de 3500 quilómetros. Há um novo mercado no universo da Visabeira. O grupo entrou na Índia, onde tem desde 2017 uma licença de operador de telecomunicações e está agora a arrancar com um investimento de 20 milhões de euros na construção de uma rede de fibra óptica, com 3500 quilómetros de comprimento. É um projecto que a Visabeira está a desenvolver no âmbito de uma parceria com o conglomerado industrial indiano Birla Group, com quem criou uma empresa, Birla Visabeira Private Limited, detida em partes iguais (50/50). “É uma empresa vocacionada para investimentos na área das telecomunicações, energia e água. A Birla é um importante conglomerado, tal como é a Visabeira, na verdade temos muito em comum. Este investimento é o primeiro passo que o grupo está a dar para funcionar como operador de telecomunicações de wholesale (fornecedor de serviços a outros operadores)”, contou João Castro, presidente da Visabeira Global ao Expresso. A Visabeira esclareceu que preparou a entrada no “estimulante” mercado indiano durante três anos e só avançou depois de encontrar um parceiro que considerou adequado. A construção da rede própria de fibra óptica, que servirá para interligar 800 estações de rede móvel de diferentes operadores nas regiões de West Bengal (Calcutá) e Orissa (Bhubaneswar), já começou e estará concluída entre Fevereiro e Março de 2019. Estão envolvidas na construção desta rede cerca de mil pessoas. Sob a alçada da Birla Visabeira estará concepção, construção, manutenção e exploração da rede. (pág. 13, Caderno Economia)
11. **Paula Amorim: “Fui educada para trabalhar”.** Entrevista. Na semana em que foi convidada para representar Portugal em Bilderberg, um dos clubes mais influentes do mundo, Paula Amorim dá ao Expresso a primeira entrevista de vida, onde fala da educação que recebeu e da relação com o pai, dos negócios do luxo e dos desígnios da Galp. Conversa com a mulher mais rica de Portugal. Paula Amorim herdou do pai a liderança de um dos maiores grupos empresariais e o título de mulher mais rica de

Portugal, posição que reparte com as duas irmãs. Mas o seu percurso, embora muito influenciado por Américo Amorim, não se fez apenas devido ao berço. Começou a trabalhar aos 19 anos, lançou-se no mercado do luxo e em carteira tem já mais projectos, dos quais fala com paixão. Extremamente reservada não só nos negócios como na vida familiar, aliás como qualquer membro da família Amorim, a empresária conta pela primeira vez como foi moldada pela pressão de ser a filha mais velha de um industrial do Norte que não teve um varão. Guarda das memórias de infância as tardes passadas com as irmãs a montar cidades de Lego. Paula foi educada para liderar, e isso marcou a sua juventude e o seu papel de mulher e mãe. (tema de capa da revista E, pág. 24)

12. **Simoldes instala base na Carolina do Norte.** A boa notícia para a fileira do metal é que 82% das exportações resultam de gamas de produtos que escapam à fúria proteccionista. A decisão já estava a ser trabalhada antes de Donald Trump sobressaltar o comércio mundial com a imposição de tarifas sobre o aço. Mas ganha agora uma nova relevância. A Simoldes vai instalar uma unidade de moldes e plásticos para a indústria automóvel na Carolina do Norte para abastecer o mercado americano. Do plano de expansão faz parte uma outra base no México que se encontra em fase mais avançada. O investimento global não está ainda apurado. A intenção “é abrir as duas fábricas até 2020”, diz ao Expresso o vice-presidente do grupo, Rui Paulo Rodrigues. No caso da Simoldes, como o aço dos moldes é especial, não será afectado pelas novas barreiras alfandegárias Mas Rui Paulo Rodrigues admite que a tensão comercial entre os Estados Unidos e a Europa pode agravar-se, e a indústria automóvel figurar entre os principais alvos. Tudo é “ainda uma incógnita”, e os efeitos “são imprevisíveis”. A produção local “é sempre uma vantagem”, e, no actual ambiente, a base americana “é um conforto adicional”. O industrial receia a ocorrência do efeito bola de neve. E a indústria de componentes deve estar preparada “para uma eventual escalada da guerra comercial”. A Ferpinta é, porventura, a empresa portuguesa que mais aço transforma, fabricando tubos e chapas — o seu fundador, Fernando Pinto Teixeira, é identificado como o ‘rei do aço’. A actual turbulência cria instabilidade e nervosismo no mercado, mas por enquanto não gera preocupação no grupo. (pág. 8, Caderno Economia)

o seu evento
O NOSSO STAFF
Promotores e Hospedeiras



- 13. Empresas têm até ao fim do ano para identificar os seus donos efectivos.** Sociedades, fundações, fundos fiduciários têm no máximo até ao final do ano para comunicarem os seus beneficiários efectivos. As empresas vão ter no máximo até ao final deste ano para comunicarem à Justiça quem são os seus beneficiários efectivos, isto é, quem são as pessoas singulares que, no topo da cadeia de participações, são detentores do capital ou exercem verdadeiramente o controlo. O calendário para a entrega da primeira declaração inicial com a identificação dos beneficiários efectivos consta de uma Portaria que está a ser ultimada pelo Governo, à qual o Expresso teve acesso, e traça um calendário diferente consoante o tipo de entidade em causa. (...) Até 30 de Junho de 2018: Para cooperativas, fundações e representações de pessoas colectivas internacionais ou de direito estrangeiro com actividade em Portugal. Até 31 de Agosto de 2018: Para associações, sociedades comerciais anónimas, instrumentos de gestão fiduciária e sociedades financeiras exteriores registadas na Zona Franca da Madeira. Até 31 de Outubro de 2018: Para sociedades comerciais unipessoais por quotas. Até 31 de Dezembro de 2018: Para sociedades civis e comerciais por quotas constituídas e registadas até 31 de Dezembro de 2016. Até 31 de Março de 2019: Para os restantes casos. (pág. 9, Caderno Economia)
- 14. Adeus arquivos em papel. Facturas poderão ser digitalizadas.** As facturas que as empresas têm de guardar por 10 anos poderão ser digitalizadas e os servidores alojados em qualquer país europeu. Governo está a ultimar legislação que permitirá às empresas passarem a ter os seus arquivos contabilísticos em suporte digital. A medida é para avançar já em 2019 e permitirá aos operadores económicos acabar com as pilhas de papel, poupando custos de armazenamento e agilizando procedimentos administrativos. A novidade foi avançada ao Expresso pelo secretário de Estado dos Assuntos Fiscais, que acrescenta ainda que este choque tecnológico permitirá às empresas alojar os seus servidores em qualquer país da União Europeia ou, mediante autorização prévia da Autoridade Tributária e Aduaneira (AT), também fora do espaço europeu. (pág. 9, Caderno Economia)
- 15. Opinião. Por Daniel Bessa. “Emprego ou salários?”** Apesar de uma taxa de desemprego ainda de 7,5%, não há hoje um único sector de actividade em Portugal que não se queixe de dificuldade de recrutamento de trabalhadores. A emigração,

primeiro, um crescimento intensivo em trabalho, depois, e a baixa empregabilidade da generalidade dos trabalhadores que continuam a declarar-se desempregados aproximaram o país do pleno emprego. Os salários começaram a subir. A generalidade dos empresários e, ainda mais, das associações empresariais lida mal com este processo. Queixa-se de dificuldades de recrutamento e, agora, de aumento dos custos salariais. Por mim, encaro o processo como natural, mesmo desejável, ainda que com riscos. A subida salarial é em si mesma um bem, passado o tempo, a meu ver levado longe demais, em que o emprego permaneceu como única obsessão. Potenciará a modernização tecnológica e organizacional de todo o país, começando pelas empresas. É uma “prova de fogo”: no final, ou a economia resiste, com as pessoas (não necessariamente mais) a viverem melhor, ou não resiste, retrocedendo para o esvaziamento e para a subsídição. Compreendo a preocupação do secretário-geral do PS em atrair imigrantes, sobretudo por razões demográficas de curto prazo. Mais talento, e trabalhadores qualificados, como também preconiza, do que trabalhadores indiferenciados. Porque, se fosse destes que se tratasse, tal acabaria por contribuir, objectivamente, para travar a modernização de Portugal e a melhoria das condições de vida dos portugueses. (pág. 1, Caderno Economia)



[sábado, 09]

16. **Exportações batem importações.** Exportações dispararam 18% em Abril, alavancadas pela exportação do T-Roc. Calendário também justifica, em parte, este aumento. Pela primeira vez este ano, a variação das exportações foi maior que as importações. No mês de Abril as exportações avançaram 18,1% face a igual período do ano passado, enquanto as importações cresceram 13,1%. (...) Com este desempenho das exportações, o défice comercial reduziu-se em 39 milhões de euros, em comparação com o mês homólogo de 2017, para 1.253 milhões de euros. (pág. 62)

o seu evento
O NOSSO STAFF
Promotores e Hospedeiras

